

ESTAR LÁ, SAIR, FICAR E VOLTAR: AS MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS EM PORTERINHA- MG¹

MARIA CECÍLIA CORDEIRO PIRES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
mariacecilia1942@hotmail.com

ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
andreapirapora@yahoo.com.br

RESUMO

Porteirinha é um município localizado no Norte de Minas Gerais, que após 76 anos de fundação administrativa ainda apresenta uma relação entre o rural e o urbano. Isso ligado ao processo histórico de formação, onde a Cidade originou-se a partir de uma pousada de viajantes as margens do Rio Gorutuba e seus afluentes, Rio Mosquito e Rio Serra Branca. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 Porteirinha tinha uma população de 37 627 pessoas. O mesmo censo apresenta dados referentes aos números de migrantes, onde 992 pessoas classificadas como urbanas de 5 anos ou mais de idade não residiam no município em 31 de julho de 2005, percebendo-se a ocorrência de uma mobilidade considerável dos moradores.

Tendo como universo de estudo neste trabalho o município de Porteirinha e os dados sobre a ocorrência de migrações, algumas questões emergem: quais estratégias de sobrevivência dos moradores frente às mudanças econômicas e sociais pós-1950 a partir de incentivos do Governo Federal na instalação de Complexos Agroindustriais? O pacote de políticas públicas implementadas pós-2002, quando o governo federal criou e implementou programas sociais de transferência de renda para populações de baixa renda, influenciou para diminuição nas migrações temporárias dos moradores de Porteirinha?

Desta maneira, neste estudo pretendemos compreender os conceitos relativos à resistência, migrações temporárias, território, lugar, rural e urbano, a partir das vivências dos porteirinhenses, seus símbolos, discursos e práticas sociais que se consolidam na memória e nas representações sociais, tendo a migração como um processo social.

¹O presente trabalho estrutura-se como pesquisa de iniciação científica e projeto de monografia, compondo o projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro/CEPEX 074/2015/UNIMONTES/FAPEMIG. Realizado pelo Grupo de estudos e pesquisas do São Francisco – OPARÁ, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa- UNIMONTES, parecer 158.386.

Segundo Martins (1987, p.45) “migrante temporário é aquele que vai e volta e o processo social que ele vive é o de sair e retornar.”, esse projeto se revela imprescindível para a compreensão da presença desse tipo de migrações temporárias em Porteirinha, suas causas, motivações e recorrência. O sujeito migrante nunca retorna o mesmo, ele se modifica e modifica as suas relações com seu grupo de origem. Analisando a migração como um fato social total (SAYAD, 1998, p.15), ela vai além de um mero deslocamento geográfico, é a mudança nos modos de vida, daquele que sai e daqueles que ficam, por isso o esforço de compreensão das migrações temporárias é de extrema importância para a apreensão da realidade vivenciada.

Além do que já foi exposto, é fundamental trazer essas análises para o contexto atual, onde pacote de políticas públicas são implementadas depois de 2002, quando o Governo Federal criou os programas sociais de transferência de renda para populações consideradas de baixa renda. Em Porteirinha são cerca de 5669 beneficiários do Bolsa Família, abrangendo zona urbana e rural, tornando-se a interpretação deste Programa crucial para entender se existe uma redução no número de migrantes temporários. Assim sendo se anuncia consideravelmente importante diagnosticar o impacto dos programas de transferência de renda na diminuição das migrações temporárias no município de Porteirinha, e a invisibilidade da migração sazonal perpassando o processo de desenvolvimento imposto à região, bem como, as transformações dos modos de vida dos moradores da Cidade, simbolizando uma forma de resistir ao processo imposto.

Palavras-chave: Migração; Rural e Urbano; Norte de Minas; Porteirinha.

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação chamaram atenção para os casos exorbitantes de mortes de imigrantes em travessia no mar Mediterrâneo, esse fato causou muita curiosidade, surpresa e questionamentos em busca de se responder quem são essas pessoas? O que as levam sair e se arriscarem em uma partida que já se vê previamente falida e dotada de um caráter um tanto quanto desesperador? Segundo reportagem do Jornal Folha de São Paulo, alguns imigrantes que sobreviveram aos naufrágios relataram que a maioria das pessoas vinham de países da África subsaariana, e que haviam também crianças e adolescentes. Além do mais, relacionam o aumento do fluxo de imigrantes no

Mediterrâneo devido aos conflitos armados no norte da África e no Oriente Médio². Percebemos que a migração nesse contexto, e também muito casualmente, acontece devido a fatores geradores, mesmo que muitas pessoas possuam o direito garantido de “ir e vir”, certas situações ultrapassam essa vontade própria.

Todavia esse fenômeno não é algo novo, ou contemporâneo, é um acontecimento corriqueiramente frequente. Há muito tempo atrás se tem informes históricos de migrantes, pessoas que se colocam em travessias pelas mais diversas situações, e para várias localidades:

Desde as invasões dos povos bárbaros asiáticos até os migrantes dos novos tempos, grupos populacionais põem-se em movimento: lutam pela hegemonia de novos territórios, fogem de perseguições étnicas e repressões múltiplas, vislumbram a possibilidade de terras e mercados de trabalho mais promissores, ou simplesmente perambulam em busca de tarefas que lhes assegurem a mera subsistência. (BECKER, 1997, p.319)

É dentro de um determinado contexto histórico que as coisas acontecem. Paula (2003) fala sobre a concentração fundiária como uma característica da formação histórica do Brasil, que levou a várias fases de migrações. Muitas correntes migratórias derivaram dos “ciclos econômicos”³. Após isso, decorreram do período da década de 1960, com o processo de modernização agrícola. Entre os anos de 1960 e 1970 o milagre econômico na economia incentivou a migração campo-cidade. Ao final dos anos 80 e início dos 90, intensificaram as migrações dentro das próprias regiões, mas as sazonais ainda aconteciam. “As relações capitalistas incentivam a mobilidade espacial da população. Os trabalhadores migram em busca de trabalho em função do modo de produção capitalista que unifica o mercado de trabalho urbano e o mercado de trabalho rural.” (PAULA, 2003, p. 29).

Segundo Sayad (1998) a migração é um fato social total, e um dos pontos dessa afirmação é o fato de ser exterior ao indivíduo, e se passar em diversos e distintos lugares. Assim sendo, este fenômeno acontece na nossa sociedade e não apenas em um

² Informações contidas no site o Jornal Folha de São Paulo, <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1616593-naufragio-deixa-400-imigrantes-africanos-desaparecidos-no-mediterraneo.shtml>

³O modo de produção capitalista, desde o capitalismo mercantilista, já privilegiava determinado produto de exportação em detrimento de outros produtos. Os ciclos da cana de açúcar, do ouro, do café e da borracha são responsáveis por grandes correntes migratórias. (PAULA, 2003)

ponto específico, ou uma única região, embora o Norte de Minas Gerais seja conhecido por ter certa tendência a isso, que:

apesar da intensa mobilidade espacial como parte constitutiva da dinâmica populacional, como aspecto cultural local, essa mobilidade *no* e *entre* espaços e tempos distintos é em muita das vezes uma alternativa às famílias pela possibilidade de garantia de reprodução física e social do grupo. Contudo, essa mobilidade espacial tem significados distintos, configurados pelo contexto familiar, como a situação de pobreza (saída para reprodução física do grupo), necessidade de progressão nos estudos (ampliação do capital cultural), casamento (saída para “juntar recursos”, voltar, construir residência, casar, constituir uma nova família), a saída para “conhecer o mundo”, vivenciar novos espaços, paisagens, lugares, cenas e cenários, entre outras. (BATISTA, 2010, p. 29-30, *grifos do autor*)

Este artigo vincula-se a uma pesquisa de iniciação científica e projeto de monografia, dentro do projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro, compondo o Grupo de Estudos e Pesquisas do São Francisco – OPARÁ⁴. Para isso estamos realizando uma pesquisa com abordagem etnográfica dos migrantes temporários de Porteirinha- MG. A hipótese sobre o motivo das migrações é que a cidade não incorpora totalmente os homens e mulheres ao setor de serviços, agropecuário ou industrial. Assim, o trabalho buscará dar maior ênfase ao aumento ou não dos fluxos migratórios da região a partir do ano 2002, com a inserção de políticas públicas de transferência de renda para os moradores. Entendendo o processo migratório não só a partir de quem parte, mas também de quem fica e dos mecanismos para manutenção do lugar.

Um desses fatores históricos que refletiu muito em Porteirinha está nos incentivos do Governo Federal para a instalação de complexos agroindustriais, com intuito de realizar uma modernização do campo. A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) foi criada em 1959, com o objetivo de ser uma política pública para auxiliar no desenvolvimento do Nordeste brasileiro e do Norte de Minas Gerais. Entretanto, “com o regime militar, a SUDENE e demais órgãos de fomento desviaram seus

⁴Apoio financeiro: FAPEMIG; CNPq.

Projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro/CEPEX 074/2015/UNIMONTES/FAPEMIG, aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa-UNIMONTES, parecer 1.019.434. Compõe o grupo de estudos e pesquisas do São Francisco – OPARÁ/Cepex 96/2011.

objetivos e direcionaram suas ações para a “valorização do grande capital” (RODRIGUES, 2000, *apud* PAULA, 2003).

Ao abrir seu escritório na cidade de Montes Claros, que fica a 165 quilômetros de Porteirinha, a SUDENE estimulou a chegada de muitas empresas, e isso fez com que o número de migrantes para Montes Claros aumentasse. Assim se justifica mais uma vez a frequência de mobilidade espacial no Norte de Minas, refletindo essa ação de “expulsão” da vida do campo, principalmente de migrantes que saem de cidades menores ou do meio rural em busca de empregos temporários. Vão para o meio urbano a fim de conseguir uma melhor condição de vida, migram para permanecer, como forma de resistência, isso quer dizer que saem, pois não conseguem se manter no lugar de origem, e vão em busca dessas condições. São atraídos por indústrias, empresas, fábricas, e pelo agronegócio, que são símbolos da sociedade capitalista, que visa desenvolvimento e lucros, mas que se exclui dessas vantagens as populações carentes.

METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos da pesquisa, as informações partirão da memória das pessoas do lugar, ou seja, será uma pesquisa qualitativa com enfoque nos relatos pessoais. Um material que não é fixo, e estável, mas é o caminho que o pesquisador deve e vai percorrer no início, meio e fim de sua pesquisa. A etnografia se faz a forma mais adequada, para manter viva e registrada todas as informações que tomaremos ao longo da pesquisa, através de estudos e leituras de bibliografias com enfoque na migração, entrevistas qualitativas com moradores, busca de acervo, documentos, etc.

Assim sendo, dividimos o trabalho em alguns momentos metodológicos referentes às etapas da pesquisa que também são adotadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas do Rio São Francisco – Opará, tais como a realização de levantamento bibliográfico local, regional e nacional sobre os eixos temáticos para obter conhecimento do que já foi estudado sobre o lócus, elaboração do roteiro de trabalho de campo, realização de trabalhos de campo, análise e organização dos dados coletados, estudo e novas inserções no campo.

DESENVOLVIMENTO

Para Martins (1984) o processo migratório não é apenas um estar em trânsito, ou um simples movimento por vontade própria, inclui uma transição de tempos, vivências,

espaços sociais e geográficos, condicionados por contradições sociais e envolvidos em uma trama histórica, pessoal e de grupo.

Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1984, p. 45)

O autor reforça a complexidade da migração enfatizando que além do deslocamento geográfico o migrante desloca e modifica os seus modos de vida. As condições que levam a pessoa a sair, transfigura as relações do seu grupo de origem, aqueles que ficam vivem com a “presença do ausente”, e isso altera a organização familiar, a divisão do trabalho, a posição e lugar que cada um exerce. E mesmo quando há a oportunidade do retorno, o percurso se modifica, o migrante não é mais o mesmo após ter passado pelo processo de ressocialização do lugar de destino, volta modificado e modificando, vivendo uma duplicidade do estar e não estar.

O migrante temporário vive entre o processo de dessocialização do local de origem e ressocialização do lugar adotado (Idem, 1984). E, além disso, essas migrações estão em sua maioria dentro de um processo de desatar laços familiares e criar laços do desenvolvimento do capital, como a exploração da agricultura familiar, e a inversão e invasão que acontece no calendário da agricultura familiar pelo ciclo capitalista. E assim muitos migrantes temporários saem para trabalhar como assalariados, para conseguir dinheiro, e esse dinheiro será para a reprodução das condições de vida no seu lugar de origem. A produção e reprodução do capital acontecem em um lugar, mas a força de trabalho barata está em outro lugar, por isso em muitos casos, moradores de Porteirinha vão para fora do estado para trabalharem em plantios.

Segundo Martins (2002) se usa abusivamente o termo exclusão para justificar os demais problemas sociais. Afirma que a sociedade capitalista é a sociedade da inclusão, ou seja, o problema não é a exclusão e sim a inclusão para baixo, a inclusão para a ascensão do capital, que necessita de mão de obra barata. Para isso, degrada a imagem da pessoa, desvalorizando o trabalho, buscando esvaziar o potencial político de reivindicação das classes trabalhadoras, e isso acontecendo o migrante temporário frequentemente é obrigado a sair em busca de sobrevivência nesse ciclo de exclusão/inclusão do capital.

Esse processo faz com que a “vítima” do capitalismo muitas vezes se torne passivo da própria injustiça vivida, não se considerando em um estado de abuso. Desse modo, vemos acontecer casos de trabalho escravo após mais de cem anos da Abolição da Escravatura, e quando isso ocorre a migração supera a vontade própria do indivíduo e transfigura-se para um estado de problema social. Gera um desenraizamento, que ocasiona em outras consequências sociais, onde o migrante se encontra com gradativas dificuldades de se reincluir e adaptar na nova sociedade de convivência.

Essas situações referidas ocorrem também em Porteirinha, um município localizado no Norte do estado de Minas Gerais, que mesmo tendo 76 anos de fundação administrativa, não rompeu totalmente com as características rurais. A cidade ainda vive entre o rural e o urbano, e isso referente ao processo histórico de formação, assim como o da região. Porteirinha originou-se a partir de uma pousada de viajantes as margens do Rio Gorutuba e seus afluentes, Rio Mosquito e Rio Serra Branca.

Os prováveis primeiros habitantes foram os tropeiros Severino dos Santos, José Cândido Teixeira, José Antônio da Silva, João Soares, João de Deus, João Pereira e José Miguel, que aqui chegaram nos primórdios do século XVIII. Vieram à cata de ouro. Cessada a febre do metal, tornaram-se senhores de grandes extensões de terras e escravocratas poderosos. Dedicavam-se à lavoura, empregando os escravos em suas propriedades. (OLIVEIRA, 2008, p. 17-18)



Figura 1. Igreja São Joaquim e carro de boi em Porteirinha, Agosto de 1959 (Fonte: Itamaury Telles)

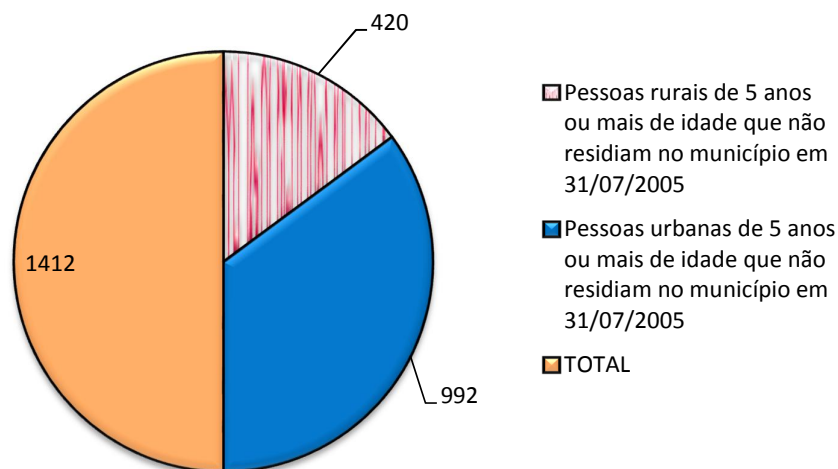


Figura 2. Carroça na cidade de Porteirinha, Julho de 2015 (Fonte: PIRES, M. C. C.)

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 Porteirinha tinha uma população de 37 627 pessoas, onde 992 pessoas classificadas como urbanas de 5 anos ou mais de idade não residiam no município em 31 de julho de 2005, percebendo-se a ocorrência de uma mobilidade considerável, como ilustrado no seguinte gráfico:

GRÁFICO NÚMERO 1

Censo Demográfico IBGE: Resultados da Amostra Migração em Porteirinha MG



Fonte: Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2005

Entretanto, esses números na realidade são maiores, na medida que o IBGE apenas classifica os moradores que não residem na cidade, perdendo dos seus dados os migrantes temporários, que vivem todo ano a situação de sair e voltar, para empregos não fixos.

As principais atividades econômicas estão ligadas a agropecuária, indústria, e prestação de serviços ofertados pelo poder público (IBGE, 2010). Entre 1964 e 1987, Porteirinha era a maior produtora de algodão do estado, ficando conhecida como a “capital mineira do algodão”, período de ascensão da economia. Porém, a cidade passou por uma seca de cinco anos, que representou uma crise do produto, levando muitos dos agricultores a falência (OLIVEIRA *apud* OLIVEIRA, 2008, p.42), todavia não podemos esquecer que a razão também pode estar ligada as políticas desenvolvimentistas, como os incentivos do Governo Federal na instalação de Complexos Agroindustriais. Após isso, o mercado de trabalho local entrou em colapso e a demanda por emprego se tornou maior que a oferta, e todo esse processo ocasionou no aumento do fluxo migratório.

Esses trabalhadores se dirigem para a colheita de café e algodão, um serviço que segundo ele, *é duro, pesado e desgastante*, mas que para eles é a única alternativa. Dessa forma muitos moradores se lançaram em travessias, muitas vezes longas, assim como relata um morador:

Eu saí pra trabalhar na algodoeira (...) a experiência é que, a gente saía daqui pra caçar um ganho melhor né, porque na região nossa é meio... a gente não ganha dinheiro que dá pra fazer alguma coisa (...) é um serviço perigoso né, sai daqui, vai mesmo é por opinião própria, porque é muito perigoso, longe da família, e é um serviço fácil de acidentar. (Luíz, 31 anos, morador de Porteirinha, migrante temporário)

Demonstrando que muitas vezes migram sabendo das dificuldades que podem encontrar, mas saem na esperança de adquirir melhorias que não conseguiriam na cidade, como conta Luíz. As festas religiosas são uns dos principais acontecimentos da Cidade, que vive e reverencia a devoção aos santos tradicionais. Dentre elas uma festa muito antiga, é a de Santos Reis, momento de reunião dos locais, preservação da cultura, e retorno de muitos migrantes.

O Programa Bolsa Família foi criado através da medida provisória nº 132, de 20 de outubro de 2003, no Governo Lula, foi uma unificação de todos os programas de transferência de renda iniciados, tanto em âmbito municipal como estadual e federal (Siqueira; Silva & Silva, *apud* Batista, 2010), tais como Bolsa Escola, Programa Nacional de Acesso à Alimentação (PNAA), Programa Auxílio-Gás, entre outros. Surge então, outra fonte de renda para as famílias consideradas em situação de pobreza e extrema pobreza.

É um Programa que inclui condicionantes para que o benefício possa ser mantido, dessa forma a procura por serviços sociais como saúde e educação cresceu, diminuindo números de evasão escolar e aumentando a frequência com a vacinação, mesmo que esses serviços prestados continuem precarizados (Siqueira; Silva & Silva, *apud* Batista, 2010). O valor do benefício não é capaz de mudar totalmente a vida dessas pessoas, mas vem como um auxílio muito importante, em forma de uma melhoria na alimentação, na aquisição de eletrodomésticos, moradia, entre outros. Muitos migrantes são desse grupo de vulnerabilidade social e antes eram muito motivados a migrar para melhoria das condições de vida, pois o trabalho local raramente possibilitava a compra do que é considerado supérfluo.

Esse estudo tem como hipótese principal, que o Programa Bolsa Família auxilia em uma melhoria na reprodução das condições de vida das famílias de baixa renda, nos levando a afirmar também que isso pode se relacionar com o processo migratório. Com essa nova fonte de renda, surge também uma forma de se manter a família, onde o sujeito

que muitas vezes migrava passa a ficar e trabalhar no local de origem mesmo recebendo menos, mas que será complementado pelo Bolsa Família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos estudar a migração a partir de uma observação que vai além do indivíduo. É um processo social complexo, uma rede, um emaranhado, que envolve as relações sociais, as tradicionalidades e todas as estruturas envolvidas, dentro de uma sociedade que é refletida pelo modo de produção capitalista.

Atualmente se vincula a cidade uma imagem positiva, do lugar das oportunidades, isso gera uma atração. E caracteriza-se o mundo e a cultura rural como o lugar do atraso, assim muitos saem na esperança de progredir. Mas não é somente estar lá, ficar e voltar, a pessoa passa a conviver com costumes distintos dos seus, formas de viver diferentes, que geram um impacto de realidades, uma ruptura de relações que não se refazem novamente com a volta. O que retorna já não é mais o mesmo que se foi, passa a viver em duplicidade, em ser e não ser, um estar aqui e um estar lá.

A migração temporária em Porteirinha significa essa tentativa de progredir, uma esperança que é justificada pela história. Pelo êxodo rural de 1960, pelos incentivos do Governo Federal aos Complexos Agroindustriais, gerando migrações dentro da região, mas não extinguindo as sazonais. Migrar temporariamente nem sempre significa uma fuga, e sim uma forma de resistir às forças de expulsão. Procurar no “lugar do outro” o sustento “do seu lugar”.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Elicardo Heber Almeida. ***“Povos” de Santana: condições de vida e mobilidade espacial no norte do estado de Minas Gerais***. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, RJ. 2010.

BECKER, Olga Schild. **Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos**. In: CASTRO, Iná Elias de et al. *Explorações geográficas: Percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertand, 1997, p. 319-367.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1616593-naufragio-deixa-400-imigrantes-africanos-desaparecidos-no-mediterraneo.shtml>>. Acesso em: 17 de julho de 2015.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 de maio 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17 n. 49, Jun. 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINS, José de Souza. **O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil**. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MARTINS, José de Souza. **O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio**. In: A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. **A vida entre parênteses-Migrações internas no mundo contemporâneo**. In: A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Palmyra Santos. **Porteirinha: memória histórica e genealogia**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2008.

PATARRA, N.L., CUNHA, J.M.P. **Migração: um tema complexo**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, V. 1, n.2, p.32-35, jul./set. 1987.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: “A Esperança de Melhoria de Vida”**. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003.

SAYAD, A. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.